

AS ORIGENS PITAGÓRICAS DO MÉTODO FILOSÓFICO: O USO DAS *ARCHAI* COMO PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS EM FILOLAU

THE PITAGORIC ORIGINS OF THE PHILOSOPHICAL METHOD: THE USE
OF *ARCHAI* AS METHODOLOGICAL PRINCIPLES IN PHILOLAUS

GABRIELE CORNELLI¹

Resumo: A história do termo *arché* parece apontar para uma redefinição platônico-aristotélica de um conceito arcaico, ligado inicialmente ao uso jônico do termo para expressar um ponto-de-partida cronológico. Aristóteles, em **Metafísica A**, transforma o significado das *archai* que a passam a significar *princípios* explicativos do real, e neste sentido, equivalentes ao termo *aitiai* (*causas*). Apesar da maioria dos estudiosos atribuir a Aristóteles a descoberta desse uso, um estudo comparativo do termo no **Corpus Hipocraticus**, nos fragmentos originários do pitagórico Filolau, datados na segunda metade do V século, revela-se que esta literatura antecipa o uso da *arché* no sentido de princípios metodológicos para a pesquisa filosófica.

Palavras-chave: *arché*, *causas*, pitagóricos.

Abstract: The history of the term *arché*, seems to point to a Platonic-Aristotelian redefinition of an archaic concept, initially related to the Ionic use of the term to express a chronological starting point. Aristotle gives a new sense to *archai*, which receive the meaning of principles to explain the real, and, in this sense, are equivalent to the term *aitiai*. This paper intends to demonstrate that, before Aristotle, this aspect can already be observed in the Hippocratic Corpus and the fragments of Philolaus.

Key-words: *arché*, *aitiai*, pythagoreans.

1. FILOLAU DE CROTONA E SEU LIVRO

Filolau de Crotona (470-390 a.C.) é uma das figuras-chave para a compreensão do pitagorismo. Entre os pitagóricos mais antigos é aquele que

¹ Gabriele Cornelli é professor da Universidade Metodista de Santo André e de Piracicaba, SP, Brasil [gabrielec@uol.com.br].

Esta pesquisa foi possível graças ao apoio do CNPq, na forma de financiamento ao projeto “APQ ARCHAI: a outra história das origens do pensamento ocidental”, do qual o autor deste ensaio é coordenador.

possui o maior número de fragmentos originais, conforme demonstraram muito bem os estudos de Burkert e Huffman (fr. 1-7; 13; 17). Sua importância para a história da filosofia está intimamente ligada a Platão e ao fato de que, em âmbito acadêmico, tinha-se acesso a seus escritos. Assim comenta Jâmblico em sua **Vida de Pitágoras**:

É admirável também o rigor do segredo; de fato, no curso de tantos anos, parece que ninguém encontrou um escrito dos pitagóricos antes de Filolau. Este, por primeiro, encontrando-se em grande e dura pobreza, divulgou aqueles célebres três livros, que se diz terem sido comprados por cem minas por Díon de Siracusa, a pedido de Platão².

A tradição nos reserva até uma célebre acusação de plágio contra Platão, que destes três escritos pitagóricos teria se inspirado para escrever o **Timeu**. Se a tradição de um *tripartitum* pitagórico é provavelmente falsa, pode-se comprovar a existência de uma tradição mais genuína, que fala de uma só obra de Filolau que teria sido adquirida por Platão. A esta estaria referido o pretense plágio, conforme testemunham Hermipo (44 A 1 DK) e Timon (44 A 8 DK): “Você pagou muita prata por um pequeno livro, Platão, a partir do qual você aprendeu a escrever o Timeu..”³. Se não de plágio se trata, como parece, a tradição acaba porém sugerindo algo que é evidente à leitura dos textos de Platão: a similaridade do **Timeu** com os temas trabalhados por Filolau nos poucos fragmentos que chegaram até nós⁴. O texto de Filolau deve ser bem conhecido também na escola aristotélica: um dos discípulos de Aristóteles, Mênon, teria o texto em mãos, como indica o importantíssimo testemunho 44 A 27 DK, que analisaremos em seguida.

O pitagorismo de Filolau, portanto, dado seu suporte textual originário, acaba em grande parte correspondendo ao que de mais “seguro” podemos ter sobre a filosofia pitagórica como tal. Os fragmentos, considerados pela *lectio maior* como os mais originais, demonstram, ao estilo pitagórico, temas e questões de amplo fôlego: desde a questão das *archai* (fr. 1, 2, 3, 6, 6a) até questões astronômicas (fr. 18), cosmológicas (fr. 7, 17), médicas (A 27, 28) e psíquicas (fr. 13, A 23). Neste breve ensaio, iremos abordar, no interior

² JÂMBLICO, 199 (in Giamblico. **La vita pitagorica**. A cura di L. Monteneri. Roma, Bari, 1994). Sobre a tradição de que teria sido Filolau o primeiro a divulgar as doutrinas pitagóricas, cf. também D.L. VIII, 84).

³ *Apud* C.A. HUFFMAN. **Philolaus of Croton**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1993, p. 13.

⁴ Para uma ampla discussão sobre o livro de Filolau, cf. também W. BURKERT, **Lore and Science in Ancient Pythagoreanism**. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1972, p. 218-238.

dos temas desenvolvidos por Filolau em seus fragmentos e testemunhos, aqueles que, não por acaso, chamaram mais a atenção de Aristóteles e se tornaram centrais para a elaboração de um método que distingue a filosofia antiga: a questão das *archai*, dos princípios.

2. *ARCHAI* E *AITIAI*: A *LECTIO* ARISTOTÉLICA

Aristóteles, num célebre passo da introdução à **Metafísica**, parece definir para o conceito *arché* um lugar central e específico no interior daquela que se costuma considerar como a primeira metodologia sistemática do pensar filosófico: “A sapiência (*epistémé*) é uma ciência (*sophía*) acerca de certos princípios (*archai*) e certas causas (*aitiai*)”⁵. Após uma longa introdução à procura de uma definição esquemática e hierárquica das diversas formas do conhecer, Aristóteles considera a forma de saber mais alta, a *epistémé*, que se define por ser *sophía* dos princípios e das causas. Com este passo, Aristóteles parece inaugurar, por meio dessa aproximação epistemológica entre *archai* e *aitiai*, uma concepção das *archai* entendidas como “princípios explicativos” da realidade, e, neste sentido, equivalentes às “causas” da mesma. Para Aristóteles, portanto, os princípios são causas, e vice-versa. A inovação de Aristóteles pode ser comprovada por um rápido olhar à história pré-socrática do termo *archai*, para o qual remetemos um interessante artigo de Miguel Spinelli, que pode revelar seu sentido originário de começo, de início em termos cronológicos, sentido este bem distinto daquele homólogo às *aitiai*, como aparece em Aristóteles⁶.

Mais uma vez, o olhar aristotélico sobre a história da filosofia parece prevalecer. Aristóteles acaba proclamando a si mesmo, em contraposição a seus predecessores, como “inventor” do método filosófico, aquele que procede à procura de *archai* menos arcaicas (que me seja permitida a assonância), não físicos e temporais mas conceituais e epistêmicos; *archai* como causas, princípios explicativos da realidade. Quase todos nós parecemos continuar até hoje dependendo desta avaliação aristotélica.

Segundo Peter Kingsley, os estudiosos ao longo dos últimos dois séculos procuraram persistentemente ver a história da filosofia grega em suas origens como uma evolução progressiva, em direção a um extremamente vago, mas fantasticamente sedutor, ideal de racionalidade. E com isso decidiram, quase sem questionamento, abraçar a avaliação arrogante sobre os

⁵ **Metafísica** A, 1, 982a 2-3.

⁶ SPINELLI, M. in **Hypnos** 8.

pré-socráticos de Aristóteles⁷. Ora, é nosso costume a esta altura, citar também a duríssima expressão de Guthrie que, sem medo de ser atingido por um raio, define a história da filosofia pré-socrática de Aristóteles como *shameless*, sem-vergonha, a sublinhar sua dificuldade em reconhecer e admitir a complexidade que perpassa o complexo mundo da filosofia antiga⁸.

A *lectio* aristotélica acaba se tornando tão forte de abranger que anula, quase totalmente, qualquer outra hipótese historiográfica que não respeite seus “dogmas”. É exatamente neste ponto que entra em cena Filolau. Seus primeiros fragmentos sobre as *archai* podem ser considerados entre os exemplos mais claros:

- a) do preconceito historiográfico de uma maioria de autores completamente informados pela história aristotélica;
- b) da anterioridade da “descoberta” de um método filosófico sistemático, baseado nas *archai* e que deve ser reconduzido ao tardo V século a.C., nos escritos de Filolau, do **Corpus Hipocraticus** e dos matemáticos antigos. De fato, a questão (antecipo aqui minha tese) é de que Filolau usa o termo *arché*, já no mesmo sentido de “princípio explicativo”, bem antes de Aristóteles.

Huffman demonstra com precisão como deve ser rejeitada, por ser demasiadamente aristotélica, a posição de quem, exatamente por reconhecer em Filolau o mesmo sentido de *archai* que se encontra em Aristóteles, prefere considerar os referidos fragmentos como espúrios, interposições posteriores⁹. *Extra Aristotelis nulla salus* — daria vontade de dizer. Uma espécie de adágio de tanta eclesiologia aristotélica. Funciona aqui, no interior da crítica das fontes, o preconceito de que falávamos acima. Filolau, portanto, antecipa Aristóteles em sua concepção das *archai* como “princípios explicativos” da realidade, ou *aitiai*, como dirá em seguida Aristóteles. É o que tentaremos mostrar.

3. AS *ARCHAI* NO CORPUS HIPOCRATICUS

O pitagorismo é um movimento filosófico de grande complexidade. Entrelaçada profundamente à cultura, à religião e à política de seu tempo, a

⁷ KINGLSEY, P. **Ancient Philosophy, Mystery and Magic: Empédocles and Pythagorean Tradition**, p. 3.

⁸ Para GUTHRIE, W. K. C. **A history of Greek Philosophy**, vol. 2, p. 160.

⁹ Huffman, *op. cit.*, p. 79-80.

filosofia pitagórica aparece em toda sua grandeza quando compreendida “por dentro” de seu mundo¹⁰. Também neste sentido, a filosofia pitagórica é *bíos*, estilo de vida. No caso específico das doutrinas das *archai* de Filolau, podemos reconhecer uma troca, uma circularidade — para usar uma expressão cara à história das idéias —, um “contágio” recíproco, mas eu preferiria dizer um “diálogo” acontecendo entre o pensar filosófico pitagórico e a cultura de seu tempo. De maneira específica, com duas áreas de saber distintas: a Medicina e a Matemática.

De fato, no V século a questão da *arché*, já central para a filosofia jônica, é re-discutida e sua importância se renova em textos não propriamente filosóficos, como aqueles reunidos no assim-chamado **Corpus Hipocraticus (CH)**¹¹, com um detalhe importante: de alguma forma, a discussão das *archai* nos textos médicos parece depender das concepções filosóficas do tempo e, surpreendentemente, em alguns casos, até definir-se contra elas. É o que indica, por exemplo, o prólogo do célebre tratado **Sobre a medicina anti-ga (VM)**:

Aqueles que me falaram ou escreveram sobre a medicina, ao fundar (*hypothemi*) seu discurso (*lógos*) sobre a base totalmente pessoal de um postulado como ou o calor, ou o frio, ou o úmido, ou qualquer outro, chegando assim rapidamente ao princípio (*arché*) da causa (*aitía*) das doenças e da morte dos seres humanos — fundamentando sempre em um ou dois destes princípios — erram em muitas coisas, e mais precisamente nestes seus discursos (*lógoi*). Mas é especialmente correto criticá-los por errar com relação a uma arte (*téchne*) que existe (...) ¹².

Aqui, a polêmica com a “antropologia” do V século é quase explícita. Na **VM**, a *téchne* médica é defendida como prática antitética àquela de quem, falando de medicina, elabora um *lógos* à procura de postulados (*hypothesis*) e princípios (*archai*) das causas das doenças. Para além do tom polêmico da **VM**, o que chama atenção é a afirmação de uma reflexão sobre postulados e princípios que tem todo o ar de compreender o termo *arché* de maneira bem distante daquele normalmente relativo a uma origem temporal. O *arché* da *aitía* das doenças da **VM** parece desenhar um campo semântico novo para o termo *arché*. O uso do termo *arché* é bastante recorrente também no interior do **CH**:

¹⁰ Esse é um dos objetivos maiores da pesquisa do Grupo Archai.

¹¹ Para uma introdução e edição completa do **CH**, cf. ed. “Yppocrate. **Opere**. A cura di Mario Vegetti. Torino, UTET, 1967.

¹² Ippocrate. **Testi di medicina greca**. Testo greco a fronte. Milano, BUR, 1983. O texto é datado normalmente do final do V século, entre 440 e 420 a.C. (A tradução é minha).

- a) Em **Sobre a arte** (4) o autor refere-se a uma *arché tou lógon*, um princípio de seu discurso com o qual todos deveriam concordar, sendo este a proposição pela qual algumas pessoas tratadas pela medicina são efetivamente curadas. O sentido de *arché* ainda é ambíguo: parece mais indicar um começo temporal da argumentação do que propriamente um princípio explicativo da doença.
- b) Em **Doenças I**, 9, afirma-se que não existe um ponto de partida, um princípio demonstrado (*arché apodeideigméne*) na medicina, nem um segundo ponto, ou um centro ou um ponto final. No mesmo sentido da citação acima, retirada da **VM**, o que parece estar em questão é mais uma polêmica a favor da *téchne* médica e da experiência da medicina, em contraposição com quem procura definições e princípios. Se nos textos acima o uso de termo é ainda ambíguo, outros passos do **CH** mostram mais claramente a transição para o uso de *arché* no sentido que estamos aqui estudando:
- a) Em **Sobre a dieta I**, 2, o autor afirma, em contraposição com a filosofia de **VM**, que para tratar corretamente a dieta humana é necessário conhecer sua natureza e, de maneira especial, de quais coisas o ser humano é constituído desde o começo (*ech archés*). É claro que os fundamentos que constituem o ser humano não são chamados diretamente de *archai*, mas a aproximação destes com a expressão *ech archés* parece sugerir um contexto conceptual de procura de princípios explicativos¹³.
- b) Em **Sobre a respiração I**, o autor se refere à questão da causa (*aitíon*) das doenças e a define como a procura pelo princípio e a fonte (*arché kai pagé*) das doenças do corpo.
- c) Em **Sobre as doenças 4**, o autor promete mostrar quais são “as *archai* das doenças”. Se aqui o termo ainda pode ser considerado ambíguo (entre início e causa), no capítulo 50 o autor fala mais claramente de 3 *archai* das doenças, sendo elas: a) o excesso de um dos humores; b) a violência; c) o tempo não temperado.
- d) Na própria **VM 10**, a mudança do regime alimentar é dita causa de sérias doenças para muitos (*polloisin arché nouson auéé megalés*).

Em todos os trechos acima, como no prólogo da **VM** inicialmente citado, o termo *arché* está fortemente associado ao termo *aitía* de maneira surpreendente, pois a mesma associação encontraremos também na passagem

¹³ Para essa concepção da medicina hipocrática, contrária à **VM**, o testemunho platônico em **Fedro**, 270b1-c5.

da **Metafísica A** de Aristóteles, acima mencionada. Não parecem existir dúvidas sobre o uso das *archai* como “princípios explicativos” das doenças, como *aitiai* delas.

4. AS *ARCHAI* EM FILOLAU: FRs. 6 E 13

Como já acenamos acima, Filolau também faz um uso amplo e novo do termo *arché*. Chegou a hora de mergulharmos em seus fragmentos mais originários. Examinaremos mais precisamente os fr. 6 e 13 e confrontaremos estes com os textos hipocráticos acima¹⁴. No fr. 6, Filolau afirma em prática que o conhecimento da realidade última, o ser das coisas e da própria natureza, é humanamente impossível, com uma única exceção, porém:

Sobre a natureza e a harmonia as coisas estão desta forma: o ser das coisas, que é eterno, e a própria natureza, admitem, sim, conhecimento, mas divino, não humano. Seria de fato impossível que nenhuma das coisas que existem chegasse ao nosso conhecimento, se não pré-existisse (*hyparchousas*) o ser das coisas, pelas quais se constituiu o cosmo, tanto as determinantes como as indeterminadas. Mas como tais princípios (*archai*) preexistem (*hyparchón*), não sendo nem homólogos nem da mesma natureza (...) ¹⁵.

Como se pode ver, o termo *archai* é “abraçado” pelo conceito da preexistência (*hyparchón*). Apesar de estar ainda ligado, de algum modo, à uma concepção cosmológica temporal, há já claros indícios do fato de que, no fr. 6 de Filolau, o termo *archai* não é mais somente isso: tais princípios, tais *archai*, de fato, seriam preexistentes. Mas o que mais chama atenção para a transição das *archai* para um outro significado é o fato delas serem consideradas do ponto de vista epistemológico: sem elas, as coisas que são não poderiam chegar ao nosso conhecimento! Apesar de não poder/querer dizer “humanamente” nada sobre elas, as *archai* do fr. 6 parecem constituir-se em princípios mínimos, preexistentes, e que podem por si mesmos explicar o cosmos.

Como no **CH**, as *archai* de Filolau, se é verdade que mantém o sentido de ponto-de-partida (mesmo que, no caso de Filolau, um ponto-de-partida preexistente), alcançam também o sentido de princípios explicativos da realidade: em uma palavra, de causas. No fr. 6, portanto, começa a ser desenhado um “método” baseado na procura de princípios mínimos explicativos da realidade. O fr. 13 vem confirmar a existência, na filosofia de Filolau, deste

¹⁴ Para os fragmentos e testemunhos de Filolau a edição de DIELS, H. **Die Fragmente der Vorsokratiker**. 3 voll. Berlin, Weidman, 1951-52. Em todos os casos a tradução é minha.

¹⁵ 44 B 6 DK.

que chamei há pouco de um “método das *archai*”. De fato, Filolau não somente, como no fr. 6, utiliza o conceito de *archai* para indicar os princípios fundamentais da ordem cósmica, mas o utiliza para compreender outras realidades fenomênicas, com as doenças ou as capacidades psíquicas:

... E quatro são os princípios (*archai*) do animal racional, como também Filolau diz em ‘Sobre a natureza’: cérebro, coração, umbigo e genitálias. A cabeça da mente, o coração da alma e da sensação, o umbigo do enraizamento e crescimento primitivo, as genitálias da jogada da semente e da geração. E o cérebro é o princípio (*archê*) do ser humano, o coração do animal, o umbigo da planta, e as genitálias de todas as coisas juntas: pois da semente brotam e crescem¹⁶.

Numa inversão literária da estrutura da argumentação das quatro causas do animal racional, as genitálias (*aídiôn*), citadas por últimas, são apontadas com causas, princípios de todas as coisas, pois “é da semente que todas as coisas brotam e crescem”. Para além da questão antropológica, o uso que Filolau faz do conceito de *archê* no fragmento parece confirmar a constituição, no interior de sua filosofia, de um método das *archai* que poderá ser definido como a procura do número mínimo de princípios (*archai*), que permitam, não tanto dizer a origem, mas “explicar” um dado fenômeno. De fato, no fr. 13 as *archai* citadas indicam os quatro princípios que permitem dizer que tal *zôon*, tal organismo é “racional” e não outro tipo de *zôon*. Como se vê, a questão em jogo não é mais a origem, mas “aquilo que faz as coisas serem aquelas que são”: sua causa, diria Aristóteles¹⁷.

5. AS *ARCHAI* COMO PRINCÍPIO METODOLÓGICO

Huffman nota um interessante paralelo entre o uso que Filolau faz do conceito de *archai* no fr. 13, e o uso que do mesmo termo faz o matemático Hipócrates de Chios. Contemporâneo tanto do **CH** como de Filolau, de Hipócrates de Chios sabemos, na realidade, muito pouco: segundo Proclo, te-

¹⁶ 44 B 13 DK.

¹⁷ Aristóteles parece se referir a este uso de *archê* por Filolau, se não ao próprio fr. 13, quando no começo do livro **Δ** da **Metafísica**, indica como terceiro significado do termo *archê* “a parte inerente à coisa a partir da qual ela deriva: por exemplo a quilha de uma nave, os fundamentos de uma casa, e, nos animais, o coração segundo alguns, o cérebro segundo outros, ou ainda alguma outra parte segundo outros” (**Met.** 1013^o 4-6.). Agradeço à Prof^a Elisabetta Cattanei (Università di Perugia) a indicação pela qual, em Aristóteles, os termos *archai* e *aitiai* não seriam equivalentes. De fato, exatamente na **Met.** **Δ**, os dois termos são elencados separadamente. Penso, porém, que em **Metafísica** **A**, ainda num contexto “histórico” e especialmente na citação acima (982a 2-3), os dois termos podem ser considerados como sinônimos.

ria sido o primeiro a escrever uma obra sobre os *stoichéia*: **Os Elementos**. A informação é muito importante, pois indica que os matemáticos do V século, ao mesmo tempo que os médicos e os filósofos da escola pitagórica, como Filolau, estavam construindo um sistema de compreensão de seus objetos baseado em diversos elementos e princípios. O outro testemunho que possuímos sobre Hipócrates de Chios, provavelmente de Eudemo e preservado em Simplicio, dá conta de seu trabalho relativo à quadratura da luneta. Aqui também Hipócrates de Chios usaria o termo *arché* para indicar uma proposição que está à base de outras, mas que ela mesma se sustenta sobre alguns postulados prévios¹⁸. Da mesma forma que no fr. 13 de Filolau, *arché* não indica mais um princípio primeiro (até preexistente, com no fr. 6), mas simplesmente um princípio: como a cabeça da mente, o coração do animal, etc.

O conceito de *arché* torna-se, assim, no final do V século, um conceito metodológico que pode ser aplicado em diferentes níveis, tanto cosmológico como epistemológico: as *archai*, de origens cosmológico-temporais, tornam-se um método: “o método das *archai*”. Mesmo que com valor historiográfico menor, outros testemunhos de Filolau parecem confirmar, pelo lado da filosofia, essa revolução na compreensão das *archai* e o desenhar-se de um método. É o caso de A 7a, celebre afirmação atribuída a Filolau por Plutarco: “A geometria é princípio (*arché*) e pátria-mãe (*metropolis*) das outras ciências (*mathémata*).” A geometria é *arché* das ciências, como a cidade-mãe é *arché* de suas colônias: causa e princípio explicativo de suas existência e de sua realidade. Mas, é especialmente em A 27 que Filolau encontra novamente o **CH**, por tratar-se de um testemunho que utiliza o conceito de *arché* em âmbito médico. No testemunho, citado por Mênon no **Anônimo Londinense**, Filolau chama *archai* das doenças, respectivamente: bile, sangue e fleugma. Filolau de Crotona afirma que nossos corpos são constituídos de calor. De fato não teriam participação do frio. Diz, portanto, que esta é a constituição dos nossos corpos. Afirma também que as doenças vêm da bile, do sangue e da fleugma, sendo estes princípios (*archai*) das doenças.

Huffman nota, de maneira muito apropriada, que na argumentação aqui atribuída a Filolau, parece existir uma contradição: como indicar três diversas *archai* para as doenças, sendo que, no início do mesmo testemunho, Filolau afirma serem nossos corpos constituídos pelo único princípio, o calor? Não seria mais coerente atribuir ao mesmo princípio (o calor) à origem das doenças?¹⁹ Mas o “método das *archai*” de Filolau não se trata de simples-

¹⁸ Cf. para isso **I presocratici** (BUR), p 468 e HUFFMAN, *op. cit.*, p. 83-84.

¹⁹ Cf. HUFFMAN, *op. cit.*, p. 99-90.

mente procurar origens gerais e universais, e sim, ao invés, princípios mínimos e suficientes para explicar cada um dos fenômenos. Assim, três *archai* são mínimas e suficientes para explicar todas as doenças, enquanto só o calor não daria conta de explicá-las em sua diversidade. Portanto, no final do V século, as *archai* tornam-se peças de um esquema metodológico de compreensão da realidade: postulados mínimos na geometria, causas objetiváveis de doenças na medicina, princípios explicativos de todos os fenômenos na filosofia. Tudo isso, como antecipamos no início, bem antes de Aristóteles. A pretensa originalidade da constituição de um método filosófico por parte de Aristóteles encontra, numa atenta revisão da História da Filosofia Antiga, o nascer de um método filosófico no interior do diálogo entre os diferentes saberes que acontece no final do V século. Os escritos de Filolau, do **Corpus Hipocraticus** e dos matemáticos antigos parecem demonstrar isso: o desenvolvimento de um método das *archai* no sentido que Aristóteles usará em seguida, para determinar que tipo de *sophía* é a *epistème* filosófica: ciência das *archai* e das *aitiai*. Das *archai* no sentido de “princípios explicativos” (mínimos e suficientes) da realidade.

Duas conclusões são possíveis a partir disso:

- a) o método filosófico é claramente já pré-socrático;
- b) o método filosófico nasce num diálogo, já antigo, com as outras *sophíai*, as outras ciências, a despeito de teorias historiográficas puristas, grande parte delas fundamentadas sobre a *lectio* aristotélica. O “diálogo sobre o método” é mais antigo do que normalmente pensamos.

6. POST SCRIPTUM: ... E PLATÃO?

Platão, entre a filosofia pitagórica de Filolau, no tardo V século, e a **Metafísica** de Aristóteles, parece acompanhar essa complexa construção do método, seguindo de muito perto o diálogo entre a filosofia pitagórica, a medicina do **CH** e a matemática. Testemunhos disso são, entre outros, alguns passos dos Diálogos que revelam quanto Platão estaria a par do “diálogo sobre o método” que estava acontecendo no período. No **Fédon**, por exemplo (101d), Sócrates apresenta “o método das hipóteses” a Cebes e Símiás, não por acaso dois discípulos de Filolau, conforme Sócrates havia afirmado no próprio diálogo, anteriormente²⁰:

²⁰ Cf. **Fédon** 61d: “...então tu [Cebes] e Símiás, que conviveram com Filolau, não ouviram debater problemas com esses?”.

Quando fosse necessário justificar essa mesma hipótese (*hypothesis*), fã-lo-ias recorrendo a uma hipótese mais acima que, dentre as de igual nível, se te afigurasse mais adequada, até chegares a alguma coisa de satisfatório. Entretanto abster-te-ias de misturar, como é de hábito dos controversistas (*antilogikoi*), a análise dos princípios lógicos (*archai*) e das suas implicações – isto, no caso de pretendes chegar efetivamente a algo de positivo sobre os seres. Aqueles, é com efeito provável que não alimentem, a este respeito, qualquer pensamento ou preocupação: a sabedoria basta-lhes tão-só para embrulhar tudo e desse pouco satisfazerem-se a si mesmos. Mas tu, penso eu, se és de fato um filósofo, não deixarás de proceder como digo²¹.

A centralidade das hipóteses no método desenhado por Sócrates recorda, claramente, o método das *archai* de Filolau. O próprio termo *arché* é introduzido no final da discussão, em sentido sinonímico (101e1)²². Prova da estrita conexão entre os dois termos, *archai* e *Hypothesis* para a metodologia do V século são o mesmo prólogo da hipocrática **VM**²³. Sobre o fato deste método hipotético de Sócrates, também chamado dialética ascendente, ser por ele considerado como equivalente à própria filosofia, a polêmica anti-sofística e as últimas palavras de Sócrates não parecem deixar alguma dúvida: “se és de fato um filósofo, não deixará de proceder como te digo”. Platão está, no referido trecho do **Fédon**, com toda probabilidade, fundamentando sua compreensão do método filosófico sobre um diálogo, todo concernente ao V século, que vê como protagonistas a filosofia pitagórica, representada por Filolau, e a medicina hipocrática de escola galeniana. Por outro lado, no **Ménon** 86e, Platão refere o mesmo método das hipóteses à geometria:

... Devemos, então, parece-me, examinar a qualidade (*poion tí*) de uma coisa que ainda não sabemos o que é (*hó tí*). Abranda pelo menos um pouco seu domínio sobre mim e conceda-me de examinar por hipóteses (*hypothéseis*) se a virtude seja ensinável, ou o que seja. E quando digo ‘por hipóteses’ entendo hipótese no sentido do uso que muitas vezes fazem dela os estudiosos de geometria, quando, por exemplo, questionados com relação a essa superfície, se ela, triangular, possa ser inscrita em um dado círculo, responderiam: ‘ainda não sei se é possível,

²¹ A tradução é de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. [PLATÃO. **Fédon**. Brasília, Editora UNB, 2000.]

²² É importante notar que para uma correspondência completa entre os dois trechos faltaria somente que fosse citado o termo *aitía*. Somente Aristóteles fará uso dele nesse contexto.

²³ Como já foi citado, “...aqueles que falaram ou escreveram sobre a medicina, ao fundar (*hypotithemí*) seu discurso (*lógos*) sobre a base totalmente pessoal de um postulado como ou o calor, ou o frio, ou o úmido, ou qualquer outro, chegando assim rapidamente ao princípio (*arché*) da causa (*aitía*) das doenças e da morte dos seres humanos – fundamentando sempre em um ou dois destes princípios”.

mas acho que neste caso seja útil proceder ‘por hipóteses’, conforme segue (...). O mesmo devemos fazer a propósito da virtude²⁴.

Aqui, a referência poderia ser a Hipócrates de Chios, ou se não a ele individualmente, aos estudos dos elementos, dos *stoichéia* da geometria do tardo V século, e aos resultados metodológicos dos mesmos. De alguma forma, portanto, Platão compreende os três *loci* de desenvolvimento de um método filosófico, acena a eles e sugere também suas autorias. Mais uma comprovação da tese apresentada neste ensaio: a da importância, para a história da filosofia, de considerar o “diálogo sobre o método” que empenhava, já no do tardo V século, a filosofia pitagórica, medicina hipocrática e matemática, e do qual nossa “tradição maior” da filosofia antiga atingiu para se definir como hoje a conhecemos.

[recebido em abril de 2003]

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. **Metafísica**, 3 vol. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo, Loyola, 2002.
- BURKERT, W. **Lore and Science in Ancient Pythagoreanism**. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1972.
- CAMBIANO, G. “Figura e número”. In VEGETTI, Mario. **Introduzione alle cultura antiche II: il sapere degli antichi**. Torino, Bollati Boringhieri, 1992, p. 83-108.
- CATTANEI, E. “Le matematiche al tempo di Platone e la loro riforma”. In PLATONE. **La Repubblica**. Traduzione e commento a cura di Mario Vegetti. Vol. V. Libro VI-VII. Napoli, Bibliopolis, 2003, pp. 473-540.
- DIELS, H. **Die Fragmente der Vorsokratiker**. 3v. Berlim, Weidman, 1951-52.
- DIOGENES L. **Lives of Eminent Philosophers**. 2 v. Transl. R. D. Hicks. Cambridge, Harvard Univ. Press, 2000.
- FREEMAN, K. **Ancilla to the Pre-socratic Philosophers**. A complete translation of the Fragments in Diels. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1983.
- GIANNANTONI, G. “I problemi ancora aperti nello studio del pitagorismo”. In M. Ghidini & A. Marino & A. Visconti. **Tra Orfeo e Pitagora: origini e incontri di culture nell’antichità**. Atti sei seminari napoletani 1996-98. Napoli: Bibliopolis, 2000, p. 285-296.
- GIAMBlico. **La vita pitagorica**. A cura di L. Monteneri. Roma/Bari, Laterza, 1994.
- GUTHRIE, W. K. C. **A history of Greek Philosophy I**. 6 v. Cambridge, Cambridge University.
- HAVELOCK, E. A. **Alle origini della filosofia greca: una revisione storica**. Roma, Laterza, 1996.

²⁴ A tradução é minha.

- HUFFMAN, C. **Philolaus of Cróton: Pythagorean and Presocratic. A Commentary on the Fragments and Testimonia with Interpretative Essays**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1993.
- KAHN, C. H. **Pythagoras and the Pythagoreans: a Brief History**. Cambridge, Hackett Publ., 2001.
- KINGSLEY, P. **Ancient Philosophy, Mystery and Magic**. Oxford, Clarendon Press, 1995.
- PLATÃO. **Fédon**. Introdução, versão e nota de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Brasília/São Paulo, Editora UnB/Imprensa Oficial, 2000.
- ROBINSON, T. M. “Pythagoreans and Plato”. In BOUDOURIS, K. (org.). **Pythagorean Philosophy**. Athens, Internacional Center for Greek Philosophy and Culture, 1992.
- ROBINSON, T. M. “The Pythagorean Way of Life”. In BOUDOURIS, K. (org.). **Pythagorean Philosophy**. Athens, Internacional Center for Greek Philosophy and Culture, 1992.
- ZHMUD, L. “Mathematici and Acusmatici in the Pythagorean School”. In BOUDOURIS, K. (org.). **Pythagorean Philosophy**. Athens, Internacional Center for Greek Philosophy and Culture, 1992.